

lugar ao fenômeno das noites brancas, quando o sol, durante quase um mês e meio, não desaparece nunca do céu.

Os três Ursos¹

Adaptação de Leon Nikolaevitch Tolstói

Tradução de Walter Luigi Berengan²

Revisão de Tanira Castro

Uma menina saiu de casa e foi passear na floresta. Na floresta ela perdeu-se e pôs-se a procurar o caminho de volta, que não encontrou, mas lá achou uma linda casinha abandonada.

A porta estava aberta. Ela olhou e viu que na casa não havia ninguém, e entrou. Nesta casa moravam três ursos. O primeiro urso era o pai, o chamavam de Miguel Ivanitch. Ele era muito grande e peludo.

O outro era a urso. Ela era um pouco menor e a chamavam de Nastácia Petrovna. O terceiro era pequenininho, um ursinho, e o chamavam de Michenka.

Os ursos não estavam em casa, eles haviam saído para passear na floresta.

Na casa havia duas peças: a primeira era a sala de jantar e a outra o quarto de dormir.

A menina entrou no refeitório e viu na mesa três tigelas com um grosso sopão.

A primeira tigela, muito grande, era do Miguel Ivanitch. A segunda tigela, um pouco menor, era da Nastácia Petrovna. A terceira tigela, azulzinha, era a do Michenka. Ao lado de cada tigela havia uma colher: uma grande, uma média e uma pequena.

A menina pegou a maior colher e começou a comer da grande tigela. Depois tomou a colher média e comeu um pouco da tigela média. Depois tomou a colherinha pequena e comeu da tigelinha azulzinha, e a sopa grossa, do Michenka, de fato, mostrou-se a melhor: a mais gostosa de todas.

A menina quis sentar e viu junto à mesa três cadeiras: a primeira grande, a do Miguel Ivanitch; a outra um pouco menor, a de Nastácia Petrovna; e a terceira, pequenininha, com uma almofadinha azulzinha, era a de Michenka. Ela subiu na grande cadeira e despencou; depois sentou na cadeira do meio, mas sentar nela era incômodo; depois sentou-se na cadeirinha pequenininha e pôs-se a rir, pois sentiu-se muito bem. Ela pegou a tigelinha azulzinha e começou a comer. Tomou toda a sopa e começou a balançar-se na cadeira.

¹ Tradução adaptada do original russo do Conto *Tri Medredia (Os três Ursos)*, numa adaptação de Leon Nikolaevitch Tolstói, para o russo, do conto francês *A menina e as tigelas de ouro* ou *Os três Ursos*, extraído do livro *Russkie Skazki (Contos Russos)*, Moscou, Ed. Russkii Yazyk, 1988, pág. 123-124. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LIT02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Italiano - Português pelo Instituto de Letras - UFRGS

A cadeirinha quebrou-se, e ela caiu no chão. Ela levantou-se, ergueu a cadeirinha e foi para o outro quarto. Lá estavam três camas: a primeira grande, a do Miguel Ivanitch; a outra média, a da Nastácia Petrovna; a terceira pequena, a do Michenka. A menina deitou na grande: de fato era demasiado gigantesca para ela; deitou na média: era demasiadamente alta; deitou na pequena: a caminha era, desta vez, de fato, como se feita sob medida para ela, e ela adormeceu.

Mas os ursos chegaram em casa esfomeados e queriam almoçar. O grande urso pegou sua tigela, olhou ao seu redor e se pôs a rugir com voz medonha:

— Quem foi que comeu da minha tigela?!

Nastácia Petrovna olhou para sua tigela e começou a gritar, não tão ruidosamente:

— Quem foi que comeu da minha tigela?!

E Michenka viu sua tigelinha vazia e se pôs a choramingar com voz fina:

— Quem foi que pegou minha tigela e comeu tudo?!

Miguel Ivanitch olhou atravessado para sua cadeira e rosou com voz medonha:

— Quem sentou na minha cadeira e mudou-a de lugar?!

Nastácia Petrovna olhou de soslaio para sua cadeira e grunhiu, não tão ruidosamente:

— Quem sentou na minha cadeira e mudou-a de lugar?!

Michenka olhou de relance para a sua cadeirinha quebrada e disse com fio de voz:

— Quem sentou na minha cadeira e quebrou-a?!

Os ursos correram para o outro quarto:

— Quem deitou-se na minha cama e desarrumou-a?! — pôs-se a berrar Miguel Ivanitch, com voz terrível.

— Quem deitou-se na minha cama e desarrumou-a?! — rosou Nastácia Petrovna, não tão ruidosamente.

E Michenka, subindo na sua caminha e choramingando com voz fina:

— Quem deitou-se na minha cama?!

E de repente ele viu a menina e começou a gritar esganiçadamente:

— Foi ela! Peguem! Peguem! Foi ela! Foi ela! Ai, ai, ai! Peguem!

A menina abriu os olhos, viu os ursos e correu para a janela. A janela estava aberta, ela saltou e escapuliu. E os ursos não conseguiram alcançá-la.

Gricha¹

Autor - Anton Pavlovitch Tchekhov

Tradução de Nadia Novosa²

Revisão de Tanira Castro

Gricha, menino pequeno, rechonchudo, que nasceu há dois anos e oito meses, está passeando na avenida com a babá. Veste um longo traje forrado de lã, um xale, um grande chapéu com borda felpuda e galochas quentes. Sente calor e falta de ar; o alegre sol de abril bate-lhe ainda bem nos olhos e belisca-lhe as pálpebras.

Toda a sua figurinha desajeitada, que vai caminhando com timidez e indecisão, reflete uma perplexidade extrema.

Até agora, Gricha conhecia apenas o mundo quadrangular de seu quarto, onde, num dos cantos, fica sua cama; noutra, o baú da babá; no terceiro, uma cadeira, e, no quarto, um velador sob uma imagem. Espiando-se para debaixo da cama, vêem-se uma boneca, de braço quebrado, e um tambor. Atrás do baú da babá, existem muitos objetos diferentes: carretéis de linha, papezinhos, uma caixinha sem tampa e um palhaço quebrado. Além da babá e de Gricha, aparecem com freqüência, neste mundo, mamãe e o gato. Mamãe parece uma boneca, e o gato parece a estola do papai, só que a estola não tem olhos, nem rabo. No mundo chamado quarto de criança, há uma porta que dá para um espaço, onde as pessoas jantam e tomam chá. Ali ficam a cadeirinha alta de Gricha e o relógio de parede, que existe unicamente para balançar e soar de vez em quando. Da sala de jantar, pode-se passar para um quarto com poltronas vermelhas. Ali, sobre o tapete, aparece uma mancha, por causa da qual se costuma, até hoje, ameaçar Gricha com o dedo. Além desse quarto, há um outro, onde não o deixam entrar e onde aparece papai, uma personalidade extremamente misteriosa! A babá e a mamãe são compreensíveis: elas vestem Gricha, servem-lhe comida e deitam-no para dormir, mas para que existe o papai, não se sabe. Existe ainda outra personalidade misteriosa: a tia que presenteou Gricha com o tambor. Ora aparece, ora desaparece. Para onde é que ela vai? Mais de uma vez, Gricha espiou em baixo da cama, atrás do baú e debaixo do divã, mas ela não estava lá...

Todavia, nesse novo mundo, em que o sol pica os olhos, há tantos papais, mães e tias, que não se sabe sobre quem precipitar-se correndo. E o mais estranho e absurdo de tudo são os cavalos. Gricha olha para suas pernas, que se

¹ Tradução adaptada do original russo *Gricha (Gricha)* - conto de Anton Pavlovitch Tchekhov, extraído de *Povesti i Rasskazj v trior tomah (Novelas e Contos em três volumes)*, Moscou, Ed. Khudojstvennai Literatura, 1959, vol. I, pág. 273-276. Trabalho individual apresentado para avaliação do Curso de Extensão em Língua Russa, nível VI.

² Enfermeira, aposentada, aluna do Curso de Extensão em Língua Russa, promovido pelo Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras - UFRGS.